

ANTONIO PIGAFETTA

RELAÇÃO

DA PRIMEIRA

VIAGEM

EM TORNO

DO MUNDO

EDIÇÃO, INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS POR JOANA LIMA

ANTONIO PIGAFETTA

---

RELAÇÃO DA PRIMEIRA  
VIAGEM EM TORNO  
DO MUNDO

ANTONIO PIGAFETTA

---

RELAÇÃO DA PRIMEIRA  
VIAGEM EM TORNO  
DO MUNDO

EDIÇÃO, INTRODUÇÃO,  
TRADUÇÃO E NOTAS POR  
JOANA LIMA



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

Esta é uma edição especial da Imprensa Nacional para a Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Circum-Navegação comandada pelo navegador português Fernão de Magalhães | 2019-2022.

Integrada no Programa Oficial das Comemorações, esta obra constitui um contributo importante para o enriquecimento do acervo bibliográfico associado à expedição planeada e liderada por Fernão de Magalhães a qual, concluída por Juan Sebastián Elcano, se tornaria na primeira viagem de Circum-Navegação.

## ÍNDICE

---

Prefácio

7

Introdução

13

Relação da Primeira Viagem  
em Torno do Mundo

31

Índice Remissivo

135

Bibliografia

139

# PREFÁCIO

A *Relazione del primo viaggio attorno al mondo* [*Relação da primeira viagem em torno do mundo*] de Antonio Pigafetta é o documento mais famoso, e possivelmente o mais importante, de todos quantos estão associados à célebre viagem de Fernão de Magalhães, sendo por isso um dos mais notáveis relatos de viagem de todos os tempos. Os factos fundamentais que estão na origem deste texto extraordinário são bem conhecidos. Oriundo de uma família nobre de Vicenza, Pigafetta embarcou como *sobresaliente* na frota de cinco navios liderada por Magalhães que partiu de Sanlúcar de Barrameda, em 20 de setembro de 1519, em busca das Molucas. Tendo realizado toda a viagem e participado nos inúmeros e dramáticos acontecimentos que a envolveram, o italiano foi um dos 18 sobreviventes que conseguiu regressar a Sevilha, a 8 de setembro de 1522, sob o comando de Juan Sebastián Elcano. Com a chegada destes sobreviventes, iniciava-se o complexo processo de construção de uma história da viagem, desde logo marcado por um conflito de narrativas. Se, por um lado, Elcano e vários dos espanhóis reportavam a viagem de um modo que diminuía o valor e diabolizava as ações e intenções de Magalhães, outros, entre os quais se contava Pigafetta, mantinham lealdade ao comandante português e apresentavam um relato bem diverso.

Talvez pela sua clara opinião favorável a Magalhães, Pigafetta parece não ter sido particularmente estimado pelas autoridades castelhanas, que, em particular, nunca se interessaram pela sua narração dos acontecimentos da expedição. O italiano iniciou então um périplo que o levou a contactar diversas personalidades, incluindo alguns monarcas, dando conta dos factos extraordinários da viagem em que participara. Foi recebido por

Carlos V em Valladolid; passou por Portugal, onde teve encontros com o rei D. João III; depois por França, onde foi recebido pela regente Luísa de Saboia; e, em finais de 1522, regressou à sua terra natal. Datam desta altura as primeiras notícias acerca da existência de um relato escrito da expedição, possivelmente a partir das notas que Pigafetta redigira durante o percurso ou até mesmo de um diário de viagem que trouxera consigo. A existência desse relato suscitou interesse quase imediato, mas passaram ainda muitas peripécias e uma intrincada sucessão de acontecimentos até que fosse finalmente divulgado um texto, em francês, publicado por Simon de Colines, *Le voyage et navigation faict par les Espaignolz es Isles des Molluques*, em Paris, sem data, mas seguramente entre os anos de 1526 e 1536. Este texto foi rapidamente traduzido para outras línguas, e publicado em várias edições durante o século XVI. Até ao início do século XIX, toda a divulgação do relato de Pigafetta teve a sua origem na edição de Simon de Colines. Estas versões, contudo, enfermam de vários problemas, sendo parcelares, truncadas ou profundamente adaptadas, o que ficou bem claro quando, muito mais tarde, se localizaram quatro manuscritos quinhentistas da *Relazione*: três em francês e, sobretudo, um quarto, importantíssimo, em italiano, localizado em 1797, na Biblioteca Ambrosiana, por Carlo Amoretti. A descoberta destes manuscritos permitiu um acesso muito mais próximo ao que teria sido o relato original de Antonio Pigafetta.

A literatura sobre a *Relazione* de Pigafetta é imensa, e estes breves parágrafos não são o lugar adequado para tentar mais uma análise. Mas devem mencionar-se dois aspetos que, entre muitos outros, fazem desta narrativa um texto singular. Em primeiro lugar, Antonio Pigafetta mostra-se surpreendentemente desinteressado de muitos dos episódios e acontecimentos dramáticos que rodearam a viagem. O seu relato omite acontecimentos que sabemos terem sido de importância crucial; longas etapas da viagem são mencionadas de maneira brevíssima; as questões gerais de política imperial ou de exploração comercial não lhe merecem grande atenção. O que prendeu por completo o seu interesse foi a extraordinária experiência de observar novas terras e uma nova natureza, povos totalmente desconhecidos com idiomas diferentes e costumes bizarros. A *Relazione* é um testemunho excecional do

impacto que as novidades do «mundo novo» causaram num europeu inteligente e curioso, educado na tradição cultural do velho continente. Em segundo lugar, o relato de Pigafetta foi certamente o principal responsável pela criação de um grande herói, Fernão de Magalhães. O poder da prosa de Pigafetta pode avaliar-se pelo facto de ter conseguido com que os feitos e a fama de Magalhães sobrevivessem à evidente animosidade com que, quer castelhanos quer portugueses, tratavam a sua memória.

Desde o início do século xx que se têm sucedido edições e traduções da *Relazione* de Pigafetta, em diversos idiomas, e com diferentes propósitos. O mesmo sucedeu entre nós. A tradução que o leitor tem entre mãos não é, portanto, a primeira que se publica em português. Sucede, porém, que foi só em 1999 que o estudioso italiano Andrea Canova levou a cabo o meticuloso trabalho de análise textual, cotejando os cinco testemunhos quinhentistas — os três manuscritos franceses, o manuscrito italiano, e a primeira edição impressa —, tendo realizado também as clarificações filológicas que o texto exigia<sup>1</sup>. Embora, antes dele, outros estudiosos tivessem já mostrado preocupação com o texto e feito comparações entre os diferentes testemunhos, nenhum levava a cabo um trabalho de análise textual com desenvolvimento e rigor comparável. Significa isto que, na história das edições e traduções modernas da *Relazione* de Pigafetta, há um claro *antes* e um *depois* de 1999. Dispomos agora de uma edição crítica, pode dizer-se, de um texto canónico da *Relazione*, e deve ser a partir dele que se deverão produzir todas as traduções.

A tradução que o leitor tem nas mãos é, tanto quanto sabemos, a primeira tradução portuguesa realizada diretamente a partir do texto editado por Andrea Canova, e, nessa medida, trata-se da versão portuguesa daquele texto que a investigação atual crê ser o mais próximo do inicialmente escrito por Antonio Pigafetta.

A autora da tradução, Joana Lima, é investigadora do Projeto RUTTER financiado pelo European Research Council (ERC AdG 833438), de que sou o investigador principal. Embora a responsabilidade e todo o mérito desta tradução sejam exclusivamente dela, tive a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento deste trabalho e de discutir com a tradutora vários pontos do texto. Talvez seja oportuno explicar quais foram as linhas gerais que

<sup>1</sup> Pigafetta, Antonio; e Canova, Andrea (ed.) (1999). *Relazione del primo viaggio attorno al mondo*. Pádua: Ed. Antenore.

nortearam a realização desta tradução. Em primeiro lugar, como se deduz do explicado antes, esta tradução nasceu do desejo de realizar uma tradução portuguesa da *Relazione* de Pigafetta, depois do trabalho de Andrea Canova e a partir do texto estabelecido por ele. Em segundo lugar, pretendeu-se que a tradução fosse, ao mesmo tempo, totalmente rigorosa do ponto de vista académico, mas também que mantivesse a elegância e o tom do texto original. Nunca será demais sublinhar que a *Relazione* foi redigida para um público alargado na Europa, certamente um público de letrados e cultos, mas de maneira nenhuma para o uso exclusivo dos eruditos. A *Relazione* nunca foi pensada como um texto só para especialistas, e impunha-se resgatá-la do âmbito restrito dos historiadores (que, de resto, a conhecem muito bem) para a devolver à leitura de todos, num português que captasse, tanto quanto possível, a limpidez e o encantamento do texto original. Finalmente, este trabalho está completamente centrado no *texto* de Pigafetta e não é, nem pretende ser, um estudo geral sobre a viagem de Magalhães. As notas que o acompanham são deliberadamente limitadas e de dimensão reduzida, destinando-se apenas a eliminar possíveis dificuldades ou a fornecer, aqui e ali, alguma informação que foi julgada importante para o leitor. O leitor que procure informação adicional e mais ampla sobre a viagem de Fernão de Magalhães poderá encontrá-la noutras edições, algumas das quais incluem estudos desenvolvidos<sup>2</sup>.

Tendo tido o gosto e privilégio de acompanhar o trabalho de Joana Lima, não posso senão confirmar a competência, a seriedade e o rigor com que se acometeu a esta tarefa delicada, e não tenho senão palavras de elogio para o resultado final. Tenho a esperança de que a precisão e a elegância desta tradução fascinem tanto os leitores de hoje como o texto de Pigafetta encantou os do seu tempo.

LISBOA, SETEMBRO DE 2021

HENRIQUE LEITÃO

<sup>2</sup> Entre os trabalhos modernos, deve ser referido o magnífico estudo *Le Voyage de Magellan*, por Xavier de Castro, Jocelyn Hamon e Luís Filipe Thomaz (Paris: Éditions Chandeigne — Librairie Portugaise, 2007).





Mapa do arquipélago das Molucas  
(ms. Beinecke Library, Yale, c. 1524)

# RELAÇÃO DA PRIMEIRA VIAGEM EM TORNO DO MUNDO

1 Philippe Villers de l'Isle-Adam (1461-1534), mecenas do livro de Antonio Pigafetta, foi o quadragésimo terceiro Grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros de S. João de Jerusalém (ou Cavaleiros de Malta, após 1530). Eleito Grão-mestre a 22 de janeiro de 1521, conduziu a defesa de Rodes de um cerco elaborado pelo imperador otomano Solimão I, o *Magnífico*. Não tendo sido bem sucedido, Villers de l'Isle-Adam procurou refúgio em Itália, tendo o papa Clemente VII ordenado que a Ordem se estabelecesse aí, em Viterbo, no ano de 1524.

2 Carlos I (1500-1558), rei de Espanha, proclamado Carlos V, imperador do Sacro-Império Romano-Germânico (1519-1556), foi o monarca que acolheu a proposta de Fernão de Magalhães de viajar até às ilhas Molucas seguindo uma rota marítima a ocidente.

3 Francesco Chiericati (1480-1539), conterrâneo de Antonio Pigafetta, foi um diplomata e eclesiástico italiano. A partir de dezembro de 1518, esteve ao serviço do papa Leão X — primeiramente em Espanha, com o intuito de promover uma cruzada contra os turcos, e depois, em Portugal, como embaixador papal. Nestas duas missões, despontou em Chiericati um grande interesse nas descobertas geográficas das viagens oceânicas realizadas pelos reinos ibéricos, sendo a sua casa em Barcelona um local de tertúlia para discutir estas novidades. Na primeira missão, fez-se acompanhar de Antonio Pigafetta, pelo qual intercedeu junto a Carlos I para que este integrasse a tripulação da viagem magalhânica. Em 1522, ano do regresso da armada magalhânica, Chiericati, prestes a ser nomeado bispo de Têramo pelo papa Adriano VI, continuou

[1] Antonio Pigafetta, patricio vicentino e cavaleiro de Rodes, ao ilustre e excelentíssimo senhor Philippe Villers de l'Isle-Adam, ínclito grão-mestre de Rodes, devotíssimo senhor seu<sup>1</sup>.

[2] Porque há muitos curiosos, ilustríssimo e excelentíssimo senhor, que não só se contentam em saber e entender as grandes e admiráveis coisas que Deus me concedeu ver e sofrer na minha longa e perigosa navegação aqui escrita, mas ainda desejam conhecer os meios e modos e os caminhos que tomei para lá chegar, não emprestando toda a fé ao resultado, se primeiramente não tiverem uma boa certeza do início, saberá vossa ilustríssima senhoria que, encontrando-me no ano do nascimento de Nosso Salvador 1519 em Espanha, na corte do sereníssimo rei dos romanos<sup>2</sup>, com o reverendo monsenhor Francesco Chiericati<sup>3</sup>, então protonotário apostólico e orador da santa memória do papa Leão X<sup>4</sup>, que por sua virtude então ascendeu ao episcopado de Aprutino e ao principado de Têramo, tendo eu tido grande notícia por muitos livros lidos e por diversas pessoas que conversavam com sua senhoria sobre o grande e belo Mar Oceano,

a manifestar o seu entusiasmo por estas descobertas, ao elogiar o diário que Antonio Pigafetta escrevera durante a viagem de circum-navegação a Isabel d'Este, da família Gonzaga da corte de Mântua, suscitando o interesse da família no livro de Pigafetta e iniciando assim um processo de mecenato entre os Gonzaga e Pigafetta.

4 O papa Leão X, nascido Giovanni Lorenzo de Médici (1475-1521), foi papa entre 1513 e 1521.

deliberei com a boa graça da Majestade Cesária e do meu supracitado senhor experienciar e ver aquelas coisas que poderiam dar alguma satisfação a mim mesmo e que poderiam dar-me algum renome para a posteridade. [3] Tendo compreendido que então se preparara uma armada de cinco<sup>5</sup> [naves] na cidade de Sevilha para andar a descobrir a especiaria nas ilhas Molucas, da qual era capitão-general Fernão de Magalhães<sup>6</sup>, gentil-homem português e comendador de Sant'Iago da Espada, que muitas vezes honrosamente havia peregrinado de diversa guisa o Mar Oceano, parti-me com muitas cartas de recomendação à cidade de Barcelona, onde então residia Sua Majestade, e numa nave fui até Málaga, onde, tomando o caminho por terra, cheguei a Sevilha<sup>7</sup>, e, aí permanecendo bem cerca de três meses esperando que a dita armada se pusesse em ordem para a partida, finalmente, como de seguida entenderá vossa excellentíssima senhoria, com felicíssimos auspícios começámos a nossa navegação. [4] E porque na minha estadia em Itália, quando ia até à santidade do papa Clemente<sup>8</sup>, a vossa graça em Monterosi<sup>9</sup> se demonstrou assaz benigna e humana para comigo e me disse que seria bem-vindo que vos copiasse todas e quaisquer coisas que houvesse visto e passado na navegação, embora eu houvesse tido pouca comodidade, e apesar da minha fraca capacidade, tentei satisfazer a vossa vontade. [5] E assim vos ofereço neste meu pequeno livro todas as minhas vigílias, os meus trabalhos e as minhas peregrinações, pedindo-vos que, quando descansardes dos vossos assíduos trabalhos em Rodes, concedais a folheá-lo, pelo qual não receberei a menor recompensa da vossa ilustre senhoria, a cujas boas graças me dou e recomendo. [6] Tendo deliberado o capitão-general fazer tão longa navegação pelo Mar Oceano, onde há sempre impetuosos ventos e tempestades grandes, e não querendo manifestar a nenhum dos seus a rota que queria fazer, para não se perder a pensar em fazer tão grande e bela coisa, como fez com a ajuda de Deus, os capitães que comandava na sua companhia odiavam-no muito; não sei porquê, senão porque ele era português e eles eram espanhóis<sup>10</sup>. [7] Querendo cumprir o que prometeu com juramento ao imperador D. Carlos, rei de Espanha, a fim de que as naves nas tempestades e nas noites não se separassem umas das outras, ordenou estas ordens e deu-as a todos os pilotos e mestres das suas naves, que consistiam em que de noite ele andasse sempre à frente das outras naves e eles seguissem

5 A armada era constituída pelas naves *Trinidad*, *Victoria*, *Santiago*, *San Antonio*, e *Concepción*. A nave *Victoria* foi a única que completou a viagem de circum-navegação, já que a nave *Santiago* se afundou ao largo da costa da América do Sul, quando buscava a passagem para o Oceano Pacífico [cf. 180], a *San Antonio* desertou durante a descoberta da passagem [cf. 207], a *Concepción* foi incendiada após a morte de Fernão de Magalhães em Mactan devido à falta de homens para a navegarem [cf. 721] e a *Trinidad* teve de ser abandonada nas Molucas devido a uma inundação [cf. 1183].

6 Fernão de Magalhães (1480-1521), navegador português, foi o capitão-general da expedição que, tendo partido de Sevilha em 1519 rumo às ilhas Molucas por ocidente, se transformou na primeira viagem de circum-navegação do globo terrestre. Em julho de 1518, antecedendo a partida, Carlos I de Espanha reuniu o Conselho Real e armou Magalhães cavaleiro e comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

7 Antonio Pigafetta, fazendo parte do séquito de Francesco Chiericati, seguiu a corte de Carlos I de Espanha de Saragoça para Barcelona em janeiro de 1519. Provavelmente, em maio de 1519, terá partido de Barcelona para chegar a Sevilha três meses antes do início da viagem de Fernão de Magalhães.

8 O papa Clemente VII, nascido Júlio de Médici (1478-1534), foi papa entre 1523 e 1534. No início do seu papado, chamou Antonio Pigafetta a Roma para escutar de viva-voz as aventuras que este viveu na primeira viagem de circum-navegação do globo.

9 Comuna da província de Viterbo, em Itália.



O trabalho do qual resultou esta publicação recebeu financiamento do Conselho Europeu de Investigação (ERC), no âmbito do Programa Horizonte 2020 da União Europeia para a investigação e a inovação/convenção de subvenção ERC n.º 833438.

*The work leading to this publication has received funding from the European Research Council (ERC) under the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme/ERC grant agreement Nr. 833438.*



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

  
**MAGALHAES**  
500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO